

EXPERIÊNCIA ELEMENTAR EM PSICOLOGIA.

O conceito de experiência elementar vem sendo utilizado no campo da psicologia em suas diversas áreas. Propomos Sessão Coordenada de trabalhos de pesquisas teóricas e empíricas envolvendo a diversidade de aplicações do conceito, envolvendo temas relevantes na contemporaneidade como alteridade, consumidores, psicologia e literatura, autobiografia e experiência ontológica. A origem das diferentes universidades envolvidas indica a amplitude que a utilização do conceito vem tomando.

EXPERIÊNCIA ELEMENTAR E EXIGÊNCIA DE VERDADE NA AUTOBIOGRAFIA DE ALBERT SCHWEITZER. *Miguel Mahfoud e Roberta Vasconcelos Leite (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)***

No território interdisciplinar de estudos de autobiografias, elaborações da percepção de si mobilizadas pela pergunta “quem sou eu?” são frequentemente interpretadas como processos de invenção da própria subjetividade. Considerando que essa tendência reduz a complexidade da elaboração experiência ontológica, buscamos contribuir para o debate analisando uma autobiografia em diálogo com a noção de Experiência Elementar, formulada por Giussani para designar o núcleo de exigências e evidências constitutivas do humano. A obra escolhida é *Minha infância e mocidade*, do alemão Albert Schweitzer (1875-1965): professor de filosofia e teologia, músico renomado e pastor luterano, formou-se médico aos 30 anos e migrou para o Gabão, tendo recebido em 1952 o Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho na África. Realizamos análise fenomenológica seguindo indicações de Stein e van der Leeuw. Como resultados, apreendemos que tanto a escolha dos episódios e pensamentos descritos, quanto a organização do texto – em que cada passagem é concluída com reflexão sobre valores e aprendizados– se revelam como formas de atestar a constância do autor. Suspendendo o caráter moralizante do conteúdo comunicado, focalizamos a estrutura da vivência dos valores reconhecidos como irrenunciáveis. Emerge que o modo como Schweitzer vive radicalmente o problema da verdade coincide com o modo ser que mais lhe caracteriza: homem que julga com crivo da razão, colhendo o que lhe corresponde; que afirma a verdade reconhecida além da sua opinião inicial, da tradição e dos costumes; que, pelo exercício da razão, capta aprendizados oferecidos pela vida e reconhece o mistério da natureza e das pessoas; que, sofrendo com o sofrimento universal, avalia a totalidade dos fatores e age para concretizar o que apreende como verdadeiro. Empreendendo o diálogo com a Experiência Elementar, encontramos descrição das exigências como aspirações radicais que fundamentam e norteiam a ação do homem no mundo. A exigência de verdade sustenta a curiosidade diante do mundo e se apresenta na pergunta pelo significado global da existência, contemplando o nexo entre pessoa e totalidade. Implica, portanto, o reconhecimento de uma verdade última: propõe um sentido que vai além do horizonte vivencial, solicitando resposta existencial que corresponda à sua dinâmica. Sob este prisma, reconhecemos como, na autobiografia de Schweitzer, a elaboração da experiência ontológica, ao coincidir com a elaboração sobre aderir ao que reconhece como verdadeiro, abre-se para um horizonte totalizante em que a realidade concreta é acolhida como sinal e a própria vida é concebida como jornada de concretização dos valores não escolhidos, mas intuídos pela consciência. Como

conclusão, atestamos que a noção de Experiência Elementar permite leituras das autobiografias que vão além da desconstrução do texto como pura invenção. Reconhecendo que a escrita de si carrega a marca das exigências que são o motor humano, abre-se caminho para análises de como a escrita de si documenta modos pessoais de vivenciar aspirações compartilhadas, que podem valorizar a subjetividade sem incorrer em subjetivismo, contribuindo também para problematizar em quê e em que medida o especificamente humano muda no tempo e nas culturas.

Apoio financeiro/Bolsa: CAPES (bolsa de doutorado)

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Autobiografia; Experiência Elementar; Fenomenologia

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

ELABORAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ONTOLÓGICA ENTRE CULTURA, JUÍZO PESSOAL E AFETO: CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA ELEMENTAR PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA. *Bernardo Teixeira Cury e Miguel Mahfoud (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)*

No campo da clínica psicológica evidencia-se que o modo de elaboração da experiência por parte dos pacientes tem-se destacado pela redução da experiência vivida à descrição do impacto afetivo e pela dificuldade de chegar a formular um juízo pessoal sobre o sentido do que lhe acontece. Há, assim, risco de o próprio processo terapêutico evoluir como impessoal e, conseqüentemente, alienante. Partindo da compreensão de que a formulação de juízos pessoais se dá no âmbito da cultura, a presente pesquisa objetiva compreender a articulação entre cultura e juízo pessoal (sobre si e o mundo) na elaboração da experiência, identificando de que modo a experiência elementar pode contribuir nesta elaboração. Foram selecionadas, por amostra intencional, 4 situações clínicas em que se evidenciam o problema proposto. As bases teóricas de discussão são o conceito husserliano de mundo-da-vida (para tematizar a relação entre pessoa e cultura), conceito de experiência proposto por Claude Romano, e conceito de experiência elementar formulado por Luigi Giussani. Para um juízo pessoal é necessário comparar as vivências com o núcleo de exigências que constitui a pessoa em sua singularidade; portanto, tomar o afeto como objeto de análise por si mesmo não é suficiente para a formulação de sentido pessoal. O afeto, ao contrário, tomado enquanto experiência vivida, também evidencia as exigências constitutivas da pessoa. Cada cultura particular propõe modalidades de apreensão das vivências e, nesse sentido, pode-se dizer que a cultura contemporânea no ocidente propõe a seus sujeitos análises causais, ocultando o sentido. A experiência perde sua conotação de imprevisibilidade e finitude, não permitindo ao sujeito revelar-se a si mesmo. O conceito de experiência elementar aponta o revelar-se da personalidade na própria experiência, permitindo que o juízo implique a personalidade. Conclui-se que a crítica da cultura que busque uma formação da pessoa passa pela crítica do conceito de experiência mesma; e que na clínica psicológica o profissional atue como formador a partir da busca da personalidade na experiência reportada pelo sujeito.

Nível do trabalho: Pesquisador - P

Palavras-chave: Experiência elementar; Afeto; Fenomenologia

Área da Psicologia: CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

A EXPERIÊNCIA ELEMENTAR COMO PROPOSTA DE SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA INDIVÍDUO-CULTURA. *Emanuel Meireles Vieira*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)

Este trabalho pretende discutir a noção de experiência tal como desenvolvida por Luigi Giussani através do conceito de experiência elementar, contrapondo-o a uma concepção clássica desenvolvida no campo da Psicologia. Para tanto, procedeu-se uma pesquisa bibliográfica que descreve o desenvolvimento da noção de experiência na psicologia. Neste sentido, são relevantes as reflexões traçadas por Luis Cláudio Figueiredo, segundo quem, à Psicologia só foi possível se estabelecer como saber independente a partir do momento histórico em que se desenvolveu a ideia de uma subjetividade privatizada. Classicamente, portanto, a Psicologia se funda na ideia de um tipo de experiência própria, interna e idiossincrática e, assim, propriedade de um indivíduo, de modo a, por vezes, desenvolver concepções individualistas e solipsistas a respeito da experiência humana, dicotomizando as relações entre o sujeito e a cultura. A experiência elementar, definida por Giussani como o ímpeto original através do qual o humano se lança ao mundo e que serve como critério para o julgamento de suas ações no mundo, aponta para um entendimento diferenciado da noção de experiência. Tal distinção se dá na medida em que, na perspectiva defendida por Giussani, enfatiza-se a pessoa, e não o indivíduo, de modo que o critério através do qual o homem pode julgar sua experiência lhe exige abertura. Tal abertura se concretiza através das premissas do realismo, razoabilidade e incidência da moralidade sobre o conhecimento. Ter o realismo como premissa é admitir que o objeto impõe um método, e não o contrário. Já a razoabilidade diz respeito a levar em conta a totalidade da realidade, em vez de fragmentá-la. Quanto à incidência da moralidade sobre o conhecimento, trata-se de um amor à verdade do objeto maior do que a si mesmo, o que implica num posicionamento diante da experiência. Destarte, aproximar-se de um critério próprio para o julgamento da experiência consiste numa abertura à alteridade e, portanto, pressupõe uma dimensão intersubjetiva e cultural sem a qual a experiência elementar não é possível. Isto implica em conceber que, de modo diverso ao que tradicionalmente se assume em Psicologia, a experiência elementar, ao invés de um indivíduo enclausurado em si mesmo, admite a pessoa como agente da experiência, ou seja, um sujeito relacional, que se abre para a alteridade. Percebeu-se, portanto, neste trabalho, que a noção de experiência elementar adotada num trabalho de Psicologia rompe com a dicotomia por vezes instituída nesta área entre indivíduo e cultura e exige um reconhecimento da incidência desta na constituição da experiência. Pode-se ainda apontar como implicação uma necessária distinção entre indivíduo e pessoa a ser levada em consideração no entendimento da noção ora discutida.

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Experiência; Experiência Elementar; Pessoa.

Área da Psicologia: HIST - História em Psicologia

A ESCRITA COMO REPRESENTAÇÃO DO REAL: AS EXIGÊNCIAS CONSTITUTIVAS DA PESSOA EM “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR. *Jenifer Cortes Demeterco Geromini** (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR) e *Miguel Mahfoud* (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)

Clarice Lispector é reconhecida por inserir, em sua obra, temas marcadamente existenciais. Seus textos tratam de um cotidiano que vê emergir a angústia e a crise em meio às vivências retratadas. Representação do mundo da vida, a escrita literária contribui à Psicologia por revelar, no narrado, elementos especificamente humanos. A análise desse material serve como mote para tratar das exigências e evidências que insurgem nas práticas cotidianas. Este trabalho tem por objetivo revelar as vivências do narrador e da protagonista do romance “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, a fim de averiguar de que maneira se relacionam entre si e com o mundo. A análise do material é realizada com base no conceito “experiência elementar”. De acordo com Giussani, trata-se de critério humano imanente, reconhecido por meio da investigação existencial, e que se constitui em um núcleo de exigências e evidências comuns e originárias, sempre presentes e atuantes. As vivências narradas são tratadas como fenômenos, pois se mostram a sujeitos que sobre elas se debruçam. Como resultado da análise, é possível perceber, nas experiências retratadas, a constante busca pela afirmação do próprio ser, pela unidade e totalidade da pessoa. São observados, também, mecanismos que impedem ou adiam o encontro pessoal com a experiência elementar. O livro traz a história de uma nordestina miserável que vai habitar o Rio de Janeiro e mal tem consciência de sua existência. Ao mesmo tempo, esse relato serve como provocação para que o narrador questione a realidade interior e do mundo. A obra é construída a partir da intuição do narrador, Rodrigo, que capta algo de universal ao perceber o sentimento de perda no rosto da nordestina Macabéa. Esse acontecimento o provoca, colocando-o em movimento. Numa experiência de razoabilidade, Rodrigo demonstra exigência de contato com a realidade na totalidade de fatores para poder afirmar o próprio ser. Ao considerar a própria exigência, o narrador decide escrever. Numa posição de abertura, registra e provoca perguntas na tentativa de compreender o desconhecido e solucionar a dúvida. O relato tem como resultado a tomada de consciência do narrador que, em consonância com sua experiência elementar, descobre-se escritor. Macabéa, em contrapartida, é uma mulher que quase não tem consciência de si. Vivendo à margem da sociedade, sofre com o esvaziamento das perguntas existenciais ao afirmar apenas pedaços de si, o que impede a vivência da totalidade. Além disso, evita perguntar-se sobre si mesma, o que denota a negação teórica da pergunta existencial e a retirada de sua própria dinâmica, transformando-a em ser sem esperança. Macabéa é a personificação da exigência de felicidade, de completude e de ser. Nessa obra de ficção, é possível compreender o alcance da intersubjetividade transcendental; ao contatar posicionamentos alteritários, como os das personagens, percebe-se que as vidas humanas são reciprocamente fundadas. O material mostra-se valioso por demonstrar diversas relações de pessoas com o mundo e por confirmar a necessidade do homem de reconhecer as próprias exigências constitutivas, a fim de agir responsivamente e de forma liberta com aquilo que lhe corresponde.

Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

Palavras-chave: Psicologia e literatura, Experiência Elementar, Literatura

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

EXPERIÊNCIA ELEMENTAR: IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE CONSUMIDOR NO MARKETING CONTEMPORÂNEO. *Carmen Silvia Porto Brunialti Justo** e Marina Massimi (Departamento de Psicologia e Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/SP)*

A presente pesquisa está no âmbito temático da relação entre o Marketing e a Psicologia do Consumidor. Esta pesquisa teórica tem por objetivo discutir as implicações da abordagem da Experiência Elementar para o conceito de consumidor, diante dos novos desafios do Marketing contemporâneo. Segundo as novas perspectivas do Marketing de Relacionamento, Cybermarketing, Marketing Experiencial e Marketing Social, o foco principal das atividades mercadológicas, passaram a ser a experiência do consumidor, de uma forma mais ampla, envolvendo não apenas as questões relacionadas à satisfação das necessidades, mas sim a satisfação do ser humano consumidor. Os autores da área, preocupados com o futuro das novas gerações e das influências das novas tecnologias, no comportamento dos consumidores, já propõem alguns estudos orientados para o entendimento do consumidor enquanto pessoa, mas sem um aprofundamento filosófico e antropológico. Recorremos à proposta de Luigi Giussani (1922-2005), que discute o conceito de pessoa e sua interface com o mundo contemporâneo. Para a realização do estudo, foi utilizada a abordagem da Experiência Elementar, apresentada na obra “O Senso Religioso”, que analisa com profundidade a trajetória da realização humana e procura, através de suas experiências com a realidade, compreender o ser humano de uma forma mais completa. A Experiência Elementar parte de um método que é imposto pelo objeto, pela própria pessoa, como relata Giussani. A questão que se impõe é: O que é o elemento humano e onde está inserido em nossa atividade? A partir da tríplice premissa: realismo, razoabilidade e incidência da moralidade, Giussani propõe um caminho de aberturas para o encontro com o núcleo do ser humano e como ele, através das suas experiências, reage diante das realidades que lhe são impostas. A Experiência Elementar neste contexto foi utilizada como uma possibilidade para se buscar o elemento humano, presente no consumidor, enquanto sujeito do ato de consumir. Conclui-se que a discussão do tema é pertinente devido às implicações psicológicas que o marketing suscita para as atividades relacionadas ao consumo e ao consumidor e, sobre a importância de evidenciar esse debate no processo de formação acadêmica dos profissionais ligados às atividades de mercado.

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: experiência elementar; consumidor; marketing contemporâneo

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social